

## “O QUE PODE A LITERATURA?”: O MUNDO DAS LETRAS E DAS IMAGENS<sup>1</sup>

### “WHAT CAN LITERATURE?”: THE WORLD OF LETTERS AND IMAGES

Yurgel Pantoja Caldas<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho examina o lugar da Literatura como instrumento para a formação do leitor crítico e cidadão, num contexto de crise do capital e de ajustes fiscais de governos, nas escalas nacional e local. Percebe-se que a Literatura deixa definitivamente de ser a expressão da grande arte representativa, na passagem do século XIX para o XX. Tal movimento, entretanto, indica a necessidade de reinvenção da Literatura enquanto objeto da Teoria Literária, esforço teórico-metodológico que já é percebido nas referências do mundo barroco (século XVII), que estabelecia uma relação com outras linguagens artísticas. Assim, a Literatura só pode desenvolver sua potencialidade teórica a partir de operações que permitam a interação com outras linguagens artísticas.

**Palavras-Chave:** literatura; teoria literária; formação do leitor crítico; barroco.

**Abstract:** This paper examines the place of Literature as an instrument for the formation of the critical reader and citizen in the context of the crisis of capital and tax adjustments of governments, the national and local scales. The Literature definitely allowed to realize to be the expression of the great representative art, in the late nineteenth century to the twentieth. Such a move, however, indicates the need for reinvention of Literature as an object of literary theory, theoretical and methodological effort that is already realized in the references of the baroque world (XVII century), which established a relationship with other artistic languages. Thus, the literature can only develop their theoretical potential from operations that enable interaction with other artistic languages.

**Keywords:** literature; literary theory; formation of the critical reader; baroque.

## Introdução

### 1. Literatura e seu apagamento do currículo escolar: um contexto tenebroso

Para iniciar a reflexão sobre o que pode a Literatura – tema da Primeira Jornada de Literatura, Artes e Ensino, realizada na Universidade Federal de Tocantins, *campus* de Araguaína, nos dias 25 e 26 de abril de 2016 –, proponho aqui pensar a Literatura no século XXI, a partir de algumas questões. Em primeiro lugar, vale a pena destacar o lugar da

---

<sup>1</sup> Este trabalho surge a partir de uma palestra proferida em 26 de abril de 2016, na Universidade Federal de Tocantins – campus de Araguaína, que sediou a I Jornada de Literatura, Artes e Ensino, com o tema “O que pode a Literatura?”. Meus agradecimentos vão para as professoras Janete Santos e Eliane Testa, ambas da UFT. Este texto é dedicado ao professor Manoel Azevedo, da Universidade Federal do Amapá.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Amapá (Departamento de Artes, Letras e Comunicação/Curso de Letras). Atua também no Mestrado em Desenvolvimento Regional na mesma instituição

Literatura como disciplina da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias no ensino médio (o nível de educação que inicia a apresentação e a discussão de textos literários canônicos para o público que, teoricamente, já foi iniciado na prática da leitura, mas agora, a partir do primeiro ano do ensino médio, passa a ter o foco na leitura literária e seus diversos gêneros).

Nesse contexto, não é difícil chegar à conclusão de que há em curso uma espécie de apagamento da Literatura (como disciplina, objeto de investigação, reflexão e descrição metodológica) em relação ao ensino da Língua Portuguesa, no nível médio de formação intelectual do leitor autônomo no Brasil. No estado do Amapá, por exemplo, este apagamento da Literatura possui um marco: no início dos anos 2000, a Secretaria de Educação do Governo do estado do Amapá passa a determinar a “junção” de Língua Portuguesa e Literatura nas séries finais da formação do(a) aluno(a), que o(a) prepara para a vida acadêmica no ensino superior, notadamente ao ingresso ao curso de Letras, onde o conteúdo trabalhado durante o percurso do ensino médio deverá ser ampliado e aprofundado nos estudos literários nos cursos de graduação em Letras.

Saindo do campo local e entrando no nacional, com a ascensão do vice-governo interino de Michel Temer, após o afastamento da presidente Dilma Rousseff (ocorrido em meio de 2016), os ataques à liberdade de pensamento se intensificaram e passaram a ganhar um corpo mais sólido, do ponto de vista institucional, inclusive com a nomeação de Alexandre de Moraes (ex-Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, no atual mandato do governador Geraldo Alckmin) como Ministro da Justiça. O que esses dados têm a ver com a Literatura? A princípio, nada ou pouca coisa. Mas se olharmos para a proposta da “Escola Sem Partido” (incluído no Projeto de Lei 867/2015<sup>3</sup>), o que estou chamando de “apagamento da Literatura” ganha um novo contorno.

Não é escopo deste trabalho analisar e estabelecer um juízo crítico sobre a conjuntura nacional, do ponto de vista político partidário, tampouco discutir ideologias de classe nesse espaço. Mas vale a pena aqui fazer um exercício de interpretação sobre uma onda ultraconservadora que tem varrido corações e mentes no Brasil, nesses últimos dois anos. E o cenário de rearranjos em que se encontra a atual configuração do Congresso Nacional é parte dessa geografia. Afora as bancadas evangélica, ruralista e policialesca (jocosamente chamada de Eixo BBB, donde temos “Bíblia”, “Boi” e “Bala” como objetos referenciais de interesse de

---

<sup>3</sup> A autoria deste Projeto de Lei é do Deputado Federal Izalci Lucas (PSDB-DF). Existe outra proposta semelhante tramitando no Senado Federal, de autoria de Magno Malta (PR-ES).

cada uma das bancadas, respectivamente, embora tais objetos não configurem uma separação de ideias, mas uma reunião de interesses em torno de uma visão retrógrada de sociedade), eis que surge, com uma força que não surpreende – dada essa “onda ultraconservadora” – a “Escola Sem Partido”, que possui como *slogan* “Educação sem doutrinação”.

Então, nesse caso, entra não apenas a Literatura como disciplina, mas também todas as disciplinas e todas as áreas do conhecimento, que passariam a não ser mais objeto de análise, crítica e reforma da sociedade, mas – sob o manto obscuro da proposta da “Escola Sem Partido”, que abomina a doutrinação e confere a tal palavra um sentido apenas obscuro, o que obviamente não amplia seu raio de ação – a Ciência (ou seja, o conhecimento em si – sempre uma construção coletiva, dinâmica e histórica) quando muito, seria apenas e tão somente aquilo que se ensina e aprende nas escolas, nas universidades e nos centros de pesquisa. Aliás, com a implantação da “Escola Sem Partido”, para que serviriam os centros de pesquisa?

Por fim, o lugar da Literatura, na “Escola Sem Partido” é nenhum. Pobremente assentado no objetivo de combater “a instrumentalização do ensino para fins políticos, ideológicos e partidários” (Disponível em <http://www.escolasempartido.org/objetivos> (acesso em 23/07/2016), este projeto confunde-se com uma malfadada Lei da Mordaza, que proíbe professores de promoverem o debate de cunho político em sala de aula, mesmo dentro do planejamento didático a partir de elementos que as próprias disciplinas, como a Literatura, oferecem. O retorno da patrulha ideológica que quer impor a “Escola Sem Partido” atinge frontalmente valores tão caros ao princípio democrático, como justiça e liberdade, conquistados a duras penas após uma longa ditadura empresarial-militar que grassou no Brasil dos anos 60, 70 e 80.

É curioso verificar como o sentido de controle é importante para pautar as ações da “Escola Sem Partido”. Como exemplo dessa paranoia, vejamos como o livro didático, para a tal proposta, deve ser abordado:

Não é fácil saber o que acontece dentro de uma sala de aula. A doutrinação, em geral, não deixa rastros a não ser na cabeça das pessoas. Por isso, é importante conhecer o conteúdo dos livros didáticos, pois eles constituem um forte indício do enfoque adotado pelos professores em suas aulas<sup>4</sup>.

Qual a leitura que se pode fazer da assertiva acima, no atual contexto de perdas de conquistas sociais significativas, a não ser que a intenção da “Escola Sem Partido” passa pela necessidade do controle do que acontece na sala de aula, a partir do posicionamento político do(a) professor(a)? Assim, cabe a pergunta: como trabalhar os textos literários e críticos sem

---

<sup>4</sup> Idem.

passar por uma ampla e necessária análise da sociedade de seu tempo, incluindo aí o panorama político de determinada época e suas articulações temporais? Impossível, na “Escola Sem Partido”<sup>5</sup>.

## 2. Literatura como a grande arte, Literatura como mais uma arte

A Literatura, desde o final do século XIX, não é mais a grande arte representativa de um olhar acerca das coisas do mundo, da natureza e do homem. A Literatura, no contexto das vanguardas artísticas da passagem do século XIX para o século XX, perde definitivamente o *status* da grande narrativa de compreensão e entendimento do mundo. Apesar do esforço de críticos como Harold Bloom (*O cânone ocidental*) e Leyla Perrone-Moisés (*Altas literaturas*), a Literatura (sobretudo a de linhagem clássica) perde espaços de circulação, e esses não são poucos: ela não é mais vista com tanta frequência nas livrarias, nas bibliotecas públicas e privadas, nas bancas de revista, nas estantes de famílias (tidas e havidas como) eruditas; nem nos currículos das escolas públicas. Mas a questão é que não é apenas a Literatura clássica que perde espaço nos projetos educacionais de instituições de ensino, senão a Literatura como disciplina e instrumento de formação intelectual do sujeito contemporâneo.

Essa perda referencial da Literatura deve-se muito à invenção de duas novas linguagens técnicas e artísticas, que impõem nova dinâmica ao olhar humano: a fotografia e o cinema – que marca justamente a condição finissecular (entre os séculos XIX e XX) e acaba por alterar a condição da Literatura como produto de percepção (olhar, ponto de vista, perspectiva) do homem sobre o mundo, resgatando a dinâmica barroca do olhar que se descentraliza em relação ao quadro retratado, partindo do pressuposto clássico de imagem. Esse é o mesmo contexto em que se fermenta o Modernismo literário do século XX na Europa e na América Latina: onde se pode localizar na pintura impressionista a ponta de lança da ruptura com a linguagem clássica e acadêmica do realismo pictórico – condição que Octavio Paz chamaria de “tradição da ruptura”, em que tal abordagem (conceito/ideia) pode ser

---

<sup>5</sup> Em artigo recentemente publicado no site do jornal El País, José Ruy Lozano e Flora Bender Garcia perguntam no título: “O que seria da literatura numa ‘escola sem partido’?” (disponível em [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/20/opinion/1469018989\\_707134.html?id\\_externo\\_rsoc=FB\\_CM](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/20/opinion/1469018989_707134.html?id_externo_rsoc=FB_CM)). Por outro lado, é importante destacar que a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, do Ministério Público Federal encaminhou, no último dia 22 de julho, ao Congresso Nacional em Brasília uma nota técnica considerando o Projeto de Lei 867/2015 (e sua proposta de “Escola Sem Partido”) inconstitucional e “subverte a atual ordem constitucional por inúmeras razões: confunde a educação escolar com aquela que é fornecida pelos pais, e, com isso, os espaços público e privado. Impede o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, nega a liberdade de cátedra e a possibilidade ampla de aprendizagem e contraria o princípio da laicidade do Estado – todos esses direitos previstos na Constituição de 88.”

aplicável ao contexto mais amplo da criação artística, para além da circunscrição literária. Assim, a Literatura perde espaço como centro da grande narrativa, mas ganha novas possibilidades de referência cultural, agora com a necessidade urgente de diálogo com outras e novas artes emergentes, sobretudo as ligadas às Artes Visuais.

Tal movimento (essa repetição de rompimento com os cânones, ou a noção de “tradição da ruptura”) coloca em cena uma condição intrínseca às artes em geral e à Literatura, especificamente: a relação de estranhamento que envolve categorias, ideias e/ou pensamentos diferentes entre si e, por vezes, até divergentes. Essa relação de estranhamento pode ocorrer entre as categorias de *tempo* (passado entendido como tradição X presente como emergência do novo, a força da contemporaneidade) e *espaço* (Hemisfério Norte – Europa X Hemisfério Sul – África/América), se pensarmos a seara dos embates epistemológicos de que fala o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, onde Norte e Sul não seria apenas um desenho fronteiro e geográfico, mas também, e partir daí, o produto de uma construção secular de uma fronteira específica, extremamente forte e “quase” intransponível entre a história cultural do Norte e a necessidade da busca pelo conhecimento iluminista por parte do Sul, que encontra na tradição europeia (setentrional) uma paternidade quase indefectível, mas também necessária para o entendimento desse Sul (África/América Latina) enquanto espaço civilizado.

Nesse caso, o próprio Boaventura Santos aponta, em seu Prefácio a *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*, seu projeto crítico de uma vida de pensador da sociedade ao “considerar a existência de outras racionalidades alternativas a partir das experiências sociais, políticas e culturais do que designei por Sul global, experiências que, como procurei mostrar, estavam a ser desperdiçadas pela razão indolente, dominante no Norte global” (SANTOS, 2008, p. 13). Em seguida, o autor de *A crítica da razão indolente* oferece o caminho do discurso contra hegemônico como força motriz da crítica social: “A aprendizagem com o Sul não imperial [...] deveria oferecer uma reflexão alternativa, não só à ciência e à epistemologia modernas, em suas múltiplas variantes, como também ao direito e à política modernas” (*Idem, ibidem*).

Além do tempo e do espaço, há ainda outra categoria que entra nessa relação de estranhamento, a partir do movimento oferecido pela tradição da ruptura: trata-se da própria ideia de embate entre a obra de arte “clássica” e a “moderna”, donde o Barroco – como estilo de época vinculado ao Classicismo, mas com uma narrativa não-clássica (mais do que isso, anti-clássica) – parece ser sua primeira grande expressão. Aqui, vale a pena considerar que o

Barroco literário só é “clássico” quando estudado à luz da periodização literária, onde o Classicismo (vigente na Europa entre os séculos XVI e XVIII) engloba o estilo barroco do século XVII europeu. Mas isso se dá, como afirmei, apenas no campo da periodização<sup>6</sup>, o que limita sobremaneira o entendimento do Barroco como uma forma revolucionária de arte, que questiona o modelo clássico e apresenta outro olhar sobre o homem e a natureza.

### 3. O que o Barroco ainda nos ensina?

Antes da publicação de *Renascença e Barroco*, por Heinrich Wölfflin, em 1888 – quando o autor propõe uma revalorização do Barroco como produção artística nova e total – esse estilo era visto como subproduto pejorativo na história da arte; um arremedo de muito mal gosto e operação desastrosa, a partir do modelo clássico de obra de arte. Essa condição estranha e, mais do que isso, bizarra do Barroco fora apontada por Severo Sarduy em “O Barroco e o Neobarroco” (*In* MORENO, 1972, p. 161-178), onde o crítico cubano, no início de seu texto, apresenta a irregularidade como princípio ativo do Barroco – “destinado à ambiguidade [e] à difusão semântica” (*Idem*, p. 161). Antes da revalorização do Barroco, enquanto estilo de época diferente do estilo clássico, o Barroco “foi a grossa pérola irregular [...] a rocha, o nodoso, a densidade aglutinada da pedra [...] talvez a excrescência, o quisto, o que prolifera, ao mesmo tempo livre e lítico, tumoroso, verrugoso”, na percepção de Sarduy<sup>7</sup>.

E se *Renascença e Barroco* aponta um caminho crítico para a arte barroca (incluindo-se aí as próprias formas literárias), nos últimos anos do século XIX, é em *Princípios fundamentais da história da arte*, publicado em 1915, que Heinrich Wölfflin amadurece suas reflexões desenvolvidas na obra anterior, apresentando cinco duplas de categorias pelas quais é possível distinguir o Renascimento do Barroco, como ilustra o quadro abaixo:

<sup>6</sup> Sobre o problema da periodização, René Wellek apontava que “não é possível estabelecer [...] períodos literários a não ser a partir de critérios puramente literários” (Apud CHEVREL in BRUNEL & CHEVREL [orgs.], 2004, p. 66).

<sup>7</sup> Ainda no início de seu texto sobre o Barroco, Severo Sarduy aglutina o discurso depreciativo sobre esse estilo de época, considerando os dicionários de Littré, que define o Barroco como “bizarraria chocante”, e de Martínez Amador, para quem o Barroco seria “o estrambótico, a extravagância e o mau gosto” (*In* MORENO, 1979, p. 161). O mesmo movimento crítico de “revalorização” do Barroco pode ser encontrado em *O sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira*, polemica obra de Haroldo de Campos, o qual constrói um tenso diálogo com a obra de Antonio Candido. Em sua obra, Campos inclusive destaca o verbete *Culteranismo*, presente no Dicionário Manual da Real Academia Espanhola, numa edição de 1950, onde se lê: “Sistema dos culteranos ou cultos, que consiste em não expressar com naturalidade e simplicidade os conceitos, mas sim falsa e amaneiradamente, por meio de vozes peregrinas, construções rebuscadas e violentas, e estilo obscuro e afetado” (apud CAMPOS, 1989, p. 48).

## Barroco

Renascimento	Barroco
Linear	Pictorial
Planos (2 dimensões)	Profundidade (3 dimensões)
Forma Fechada	Forma Aberta
Unitário	Plural
Luz Absoluta	Luz Relativa

Se, no campo geral da história da arte, as obras de Wölfflin desenhavam um percurso revisional do Barroco enquanto estilo autônomo, fundamental e importante para uma reeducação dos sentidos<sup>8</sup> (ou seja, a percepção do homem sobre a natureza altera seu eixo, em relação à educação clássica), a segunda metade do séc. XX, na perspectiva da literatura brasileira, marca o período de “ressurreição” do Barroco literário, com a edição das obras completas de Gregório de Matos, dada à luz por James Amado, em 1968.

Até então, Gregório de Matos – a maior expressão do Barroco brasileiro – era um *famoso desconhecido* da historiografia literária. “Famoso” muito por conta de seu epíteto de “Boca do Inferno”, que funcionava como cronista do período colonial em seu ácido panorama da sociedade açucareira do Nordeste brasileiro e suas relações mercantilistas com a metrópole lusitana; mas também, e na mesma medida, Gregório era um “desconhecido” em função de sua obra total, que seria descortinada pelo excelente trabalho de James Amado, somente três séculos depois da obra efetivamente concebida e circulada por meios precários, como os famosos textos volantes – precursores do cordel.

#### 4. Para uma breve conclusão: Letra e imagem no discurso de reinvenção

A materialização da ideia se dá pela construção de um conceito, o qual, por sua vez, é constituído de *imagens*. Assim, traços, riscos e desenhos fazem parte da estrutura formal do estilo. Nesse sentido, é com o Barroco que temos a operacionalização total da arte como discurso, em que a imagem é fundamento da criação, sendo tomada como “texto” que explica

<sup>8</sup> Horácio, em sua *Arte Poética*, já aponta o caminho dessa “reeducação dos sentidos”, que se daria pelo jogo entre os órgãos do sentido humano, evocados pelo efeito da arte no espectador/leitor/ouvinte, quando considera que as “coisas que entram pelo *ouvido* impressionam os ânimos mais debilmente que as oferecidas ao fiel testemunho dos *olhos* e que o espectador percebe diretamente”.

determinada realidade. Portanto, a *perspectiva* pictórica funciona da mesma forma que a *metáfora*, aproximando ou afastando as ideias por meio de *imagens*. É dessa forma que a literatura se reinventa no período barroco e lança uma luz (na verdade, um *chiaroscuro*, para se fazer referência a uma técnica de pintura inventada pelos renascentistas italianos e levada a cabo genialmente pela escola flamenga, donde Rubens é grande representante) para a revisão da história da arte, além de ser uma fonte para o Romantismo literário<sup>9</sup>.

Além disso, a máxima latina *Ut Pictura Poiesis* (literalmente, “Como a pintura, a poesia”, de cunho horaciano) parece pautar as relações entre texto e imagem, que não apenas o Barroco iria levar às últimas consequências, mas a própria ideia de arte e suas operações sofreriam alterações profundas, atingindo também o fazer literário. Nesse caso, a literatura – já no período clássico – teria que incorporar novas relações com outras linguagens artísticas para ganhar folego na história da arte e da cultura ocidental. Assim foi em diversos períodos da produção artística, como na convivência com as chamadas vanguardas da arte moderna entre finais do século XIX e primeiro quartel do XX. Assim está sendo com a intervenção de linguagens imagéticas para uma reatualização da Literatura, atravessada pelos games, pelos mangás, pelas séries que remontam histórias policiais, dramas pessoais e a busca do sentido da vida. A Literatura e sua sobrevivência, em tempos de *Ciência Sem Fronteiras*<sup>10</sup>, que quer abarcar o conhecimento científico global de um país, mas comete o terrível equívoco de desconsiderar as Ciências Humanas e as Literárias, historicamente sempre tem sobrevivido de suas próprias reinvenções. E aqui “reinvenções” quer dizer entender que a linguagem é muito mais elástica do que a tradição canônica literária quer fazer entender.

## Referências

BLOOM, Harold. *O Cânone ocidental: os livros e a escrita do tempo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

<sup>9</sup> Dos muitos exemplos de referência barroca adotada pelo Romantismo, sobretudo em suas primeiras manifestações britânicas e germânicas, podemos considerar a abordagem do espaço físico em que se desenvolvem as cenas dramáticas no Romantismo: o *locus horrendus* (espaço do horror e do grotesco substitui o *locus amoenus* neoclássico, este em que as sensações precisam ser equilibradas e as emoções, domadas). O horror trágico do homem barroco inspira, pois, a condição do homem romântico, que nasce para ser protagonista da infelicidade.

<sup>10</sup> Programa do Governo Federal, por meio do Ministério da Educação, que busca “Investir na formação de pessoal altamente qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da sociedade do conhecimento” (<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/objetivos> acesso em 26/07/16). Ao focar na tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional, esse Programa exclui as Ciências Humanas e, conseqüentemente, a Literatura, que passam, agora oficialmente, a não ter importância para a construção do conhecimento no Brasil.

CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: o caso Gregório de Matos*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997 (v. 1).

CHEVREL, Yves. “Será possível escrever uma história da literatura europeia?”. In BRUNEL, Pierre; CHEVREL, Yves (orgs.). *Compêndio de Literatura Comparada*. Trad. Maria do Rosário Monteiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 55-77.

HORACIO. *Arte Poética*. In ARISTOTELES, HORACIO, LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.

LOZANO, José Ruy; GARCIA, Flora Bender. “O que seria da literatura numa ‘escola sem partido’”? Disponível em [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/20/id\\_externo\\_rsoc=FB\\_CM](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/20/id_externo_rsoc=FB_CM) (Acesso em 23/07/16).

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PERRONE-MOISES, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício*. São Paulo: Cortez, 2000.

SARDUY, Severo. “O Barroco e o Neobarroco”. In MORENO, César Fernández (coord.). *América Latina em sua literatura*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 161-178.

WÖLFFLIN, Heinrich. *Renascença e Barroco: estudo sobre a essência do estilo e sua origem na Itália*. Trad. Mary Barros; Antonio Steffen. São Paulo: Perspectiva, 1989.

WÖLFFLIN, Heinrich. *Conceitos fundamentais da história da arte*. Trad. João Azenha. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/objetivos> (Acesso em 26/07/16).

<http://www.escolasempartido.org/objetivos> (Acesso em 23/07/16).